

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL
PROGRAMA DE FORMAÇÃO CONTINUADA
DE PROFESSORES NA EDUCAÇÃO ESPECIAL
UNESP - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO
FACULDADE DE CIÊNCIAS/BAURU
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**



**PRÁTICAS EDUCATIVAS: MANEJO
COMPORTAMENTAL E COMPORTAMENTOS
PRÓ-SOCIAIS
BAURU/2008**

Presidente da República
Luiz Inácio Lula da Silva

Vice- Presidente
José Alencar Gomes da Silva

Ministro de Estado da Educação
Fernando Haddad

Secretária da Educação Especial
Claudia Pereira Dutra

Reitor da Universidade Estadual Paulista – “Júlio De Mesquita Filho”
Marcos Macari

Vice-reitor
Herman Jacobus Cornelis Voorwald

Diretor da Faculdade de Ciências
Henrique Luiz Monteiro

Vice- Diretor
João Pedro Albino

Coordenadora do Curso: “**Práticas em Educação Especial e Inclusiva na área da Deficiência Mental**”.
Vera Lúcia Messias Fialho Capellini

DIVISÃO TÉCNICA DE BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO
UNESP - Campus de Bauru

371.9 B677p	Bolsoni-Silva, Alessandra Turini. Práticas educativas: manejo comportamental e comportamentos pró-sociais / Alessandra Turini Bolsoni-Silva In: Práticas em educação especial e inclusiva na área da deficiência mental / Vera Lúcia Messias Fialho Capellini (org.). - Bauru : MEC/FC/SEE, 2008. 12 v. : il. ISBN 1. Educação inclusiva. 2. Manejo comportamental. 3. Habilidade social. 4. Deficiência mental. I. Bolsoni-Silva, Alessandra Turini II. Capellini, Vera Lúcia Messias Fialho. III. Título.
----------------	---

Prezado professor ou profissional das áreas afins

Este caderno é parte do material didático, produzido por uma equipe de especialistas em Educação Especial, para subsidiar o desenvolvimento do curso de aperfeiçoamento em **“Práticas em Educação Especial e Inclusiva na área da Deficiência Mental”**. Esse material objetiva a veiculação de informações sobre a educação da pessoa com deficiência mental e seus desdobramentos para a inclusão social desta população.

Os cadernos que compõem o material didático são:

1. Educação a distância: desafios atuais.
2. Educação especial: história, etiologia, conceitos e legislação vigente.
3. Desenvolvimento humano e educação: diversidade e inclusão.
4. Ética profissional: (re) pensando conceitos e práticas.
5. Informática aplicada à educação especial.
6. Família-escola: discutindo finalidades, rupturas e desafios no processo educativo.
7. Sexualidade infantil e orientação sexual na escola.
8. Repensando a avaliação.
9. Práticas educativas: ensino colaborativo.
10. Práticas educativas: adaptações curriculares.
11. Práticas educativas: manejo comportamental e comportamentos pró-sociais.
12. Práticas educativas: criatividade, ludicidade e jogos.

No curso, serão trabalhados temas gerais visando a possibilitar o acesso às informações sobre as causas da deficiência mental, aspectos conceituais, históricos e legais da educação especial, além de conteúdos específicos para auxiliar a sua prática pedagógica voltada para a diversidade, de maneira que, se necessário, você utilize adequações curriculares para garantir o aprendizado de todos os alunos.

Esperamos que este material possa contribuir a todos os profissionais que participam da construção de uma sociedade mais justa, mais solidária e mais igualitária para todos.

Bom trabalho!

Vera Lúcia Messias Fialho Capellini
Coordenadora do Curso

Sumário

Apresentação	3
Unidade I: Problemas de comportamento	4
Unidade II: Habilidades Sociais	7
Unidade III: Habilidades Sociais Educativas: Comunicação	10
Unidade IV: Habilidades Sociais Educativas: Expressividade	14
Unidade V: Habilidades Sociais Educativas: Estabelecimento de Limites e	18
Consistência	
Referências	29

Apresentação

Olá, professor(a), vamos para mais uma etapa desse curso de formação continuada. Neste caderno, o presente trabalho é desenvolvido a partir do referencial da Análise do Comportamento e do campo teórico-prático do Treinamento de Habilidades Sociais (THS) no que diz respeito a habilidades sociais aplicáveis às práticas educativas (Del Prette & Del Prette, 1999, Del Prette & Del Prette, 2001).

Os conteúdos e as atividades estão organizados em unidades de estudo assim distribuídas: a primeira unidade trata do tema “problemas de comportamento”, no que se refere especialmente à definição de variáveis relacionadas ao seu surgimento e manutenção; na unidade II, são brevemente apresentados, conceitos sobre Habilidades Sociais; as demais unidades tratam de habilidades sociais educativas, denominadas comunicação, expressividade, estabelecimento de limites e consistência (Bolsoni-Silva, 2003), de forma a instrumentalizar o leitor sobre possibilidades de interação em sala de aula para prevenir e/ou remediar problemas de comportamento de seus alunos.

Como você pode ver, o trabalho aqui proposto está estreitamente ligado ao seu trabalho pedagógico cotidiano em sala de aula. Durante o decorrer das unidades deste caderno, o “Sr. Social” aparecerá para mediar nossa comunicação.



**Olá, sou o
Sr. Social!
Muito
prazer!**

Unidade I: Problemas de Comportamento



Na unidade I
Você...

...vai conhecer um pouco sobre problemas de comportamento, definições e fatores que podem favorecer seu aparecimento, bem como indicações de como evitá-los.

Definição
O que observar?
Como evitá-los?

Problemas de comportamento sempre incomodam o(a) professor(a) em sala de aula. Eles parecem ser multideterminados, isto é, dificilmente ocorrerão devido a uma única variável e parecem ocorrer, com maior frequência, quanto mais fatores de risco estiverem combinados e/ou acumulados (Patterson, Reid, & Dishion, 2002), sendo, um deles, o manejo inefetivo dos professores.

O termo problemas de comportamento é bastante ambíguo e controverso, possuindo definições vagas, classificações distintas, exaustivas e sem limites claros para alguns tipos.. Abaixo encontram-se algumas definições.

Para o Ministério da Educação e Cultura (Brasil, 1994, p. 13), problemas de comportamento são tidos como condutas típicas referentes a:

Manifestações de comportamentos típicos de portadores de síndromes e quadros psicológicos, neurológicos ou psiquiátricos que ocasionam atrasos no desenvolvimento e prejuízos no relacionamento social, em grau que requeira atendimento educacional especializado.

Já o DSM IV (**Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders**) possui uma caracterização mais específica, também utilizando linguagem médica. De acordo com Kaplan, Sadock e Grebb (1997) o DSM IV subdivide problemas de comportamento em três grupos: transtorno desafiador opositivo, transtorno da conduta e transtorno do comportamento disruptivo sem outra especificação.

O transtorno desafiador opositivo refere-se a:

[...] um padrão persistente de comportamentos negativistas, hostis e desafiadores [que resultam em] sérias violações de normas sociais ou direitos alheios", o qual deve estar presente durante, pelo menos, seis meses (Kaplan et al., 1997, p. 995).

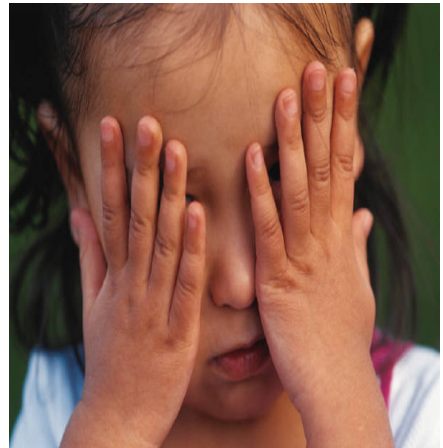
Dessas definições, é possível concluir que, para diagnosticar algum problema de comportamento, é preciso haver nele um padrão repetitivo e persistente, o qual prejudica outras pessoas e viola seriamente regras sociais.

Segundo os autores acima, os critérios diagnósticos para o problema de comportamento, conforme o DSM IV são: crueldade com animais e pessoas, níveis excessivos de brigas ou intimidação, destruição grave de propriedades, roubo, mentiras repetidas, comportamento incendiário, cabulação aula, fuga de casa, birras graves e freqüentes, comportamento provocativo desafiador, desobediência grave e persistente. Porém, atos isolados de um comportamento anti-social não justificam o transtorno, é preciso um padrão persistente.



<http://omundonaovioleta.weblogger.terra.com.br/img/desca-belada.jpg>

Apesar da ênfase dada aos comportamentos externalizantes (acima citados), é preciso lembrar que comportamentos internalizantes, tais como timidez, medo, ansiedade, depressão, excesso de apego aos adultos, tristeza e outros *déficits* em interação social, também devem ser considerados como problemas de comportamento (Achenback & Edelbrock, 1979), pois prejudicam a interação social, podendo levar ao isolamento e a queixas escolares, uma vez que dúvidas não são sanadas com o professor, por exemplo.



Portanto, para avaliar se uma criança tem ou não problemas de comportamento é importante, além de observar a ocorrência dos comportamentos mencionados, verificar em quais condições eles ocorrem. Isso é de fundamental importância, pois as pessoas emitem problemas de comportamento porque conseguem ganhos com eles, como por exemplo, obter atenção dos adultos e/ou dos colegas e resolver problemas (obter o brinquedo que quer na hora em que deseja). Dessa forma, cabe ao educador ensinar comportamentos pró-sociais capazes de garantir a atenção e a resolução de problemas e, com isso, as crianças e/ou adolescentes não precisarão recorrer a problemas de comportamento.

Como ensinar nossos alunos a terem comportamentos pró-sociais? O campo teórico prático do treinamento de Habilidades Sociais que será assunto da próxima unidade, poderá ajudar.



Atividade

Agora que você já conheceu um pouco sobre problemas de comportamento, vamos observar!!

Retome as avaliações que você fez com três alunos a pedido da disciplina de “Avaliação diagnóstica”. Liste quais comportamentos externalizantes e quais internalizantes eles apresentam.

Lembre-se: Essa listagem é muito importante, pois vai nortear nosso trabalho durante todo o curso!

Se você quiser saber mais sobre problemas de comportamento poderá ler:

Patterson, G., Reid, J., & Dishion, T. (2002). **Antisocial boys. Comportamento anti-social**. Santo André: ESETec Editores Associados.

Unidade II: Habilidades Sociais



Habilidades sociais (HS)
HS infantis
Habilidades Sociais Educativas (HSE)

Esta unidade tratará da definição de habilidades sociais (HS), habilidades sociais infantis (HSI) e habilidades sociais educativas (HSE).

Habilidades Sociais

O estudo do campo teórico-prático do treinamento de habilidades sociais (THS) é importante, segundo Caballo (1997), porque os seres humanos passam a maior parte de seu tempo engajados em alguma forma de comunicação interpessoal e, ao serem socialmente habilidosos, são capazes de promoverem interações sociais satisfatórias.

Não há consenso quanto à definição de habilidades sociais (HS), porém, o termo HS geralmente é usado para designar um conjunto de comportamentos aprendidos que envolvem interações sociais (Caballo, 1995; Del Prette & Del Prette, 1999).

Del Prette e Del Prette (1999) esclarecem que as HS incluem a assertividade (expressão apropriada de sentimentos negativos e defesa dos próprios direitos) e também habilidades de comunicação, de resolução de problemas interpessoais, de cooperação, de desempenhos interpessoais nas atividades profissionais, além de expressão de sentimentos negativos e de defesa dos próprios direitos.

Além dos componentes verbais das habilidades sociais (os apresentados nas taxonomias previamente apresentadas), há também, conforme Del Prette e Del Prette (1999), componentes não verbais da comunicação: olhar e contato visual, sorriso, expressão facial, gestualidade, postura corporal, movimentos com a cabeça, contato físico e distância/proximidade.



Nas palavras de Del Prette e Del Prette (2001):

[...] defendemos a idéia de que as pessoas socialmente competentes são as que contribuem na maximização de ganhos e na minimização de perdas para si e para aquelas com quem

interagem [...] o desempenho socialmente competente é aquele que expressa uma leitura adequada do ambiente social, que decodifica corretamente os desempenhos esperados, valorizados e efetivos para o indivíduo em sua relação com os demais” (p. 33).

Habilidades sociais infantis

É possível que comportamentos socialmente habilidosos possam promover o desenvolvimento e prevenir o surgimento de problemas comportamentais, à medida que possibilitem às crianças interagirem mais positivamente com colegas, professores e familiares, aumentando a chance de obterem elogios e atenção, além de conseguirem resolver problemas, sem, contudo, utilizarem, por exemplo, a agressividade.

Caldarella e Merrell (1997), que buscam estudar habilidades sociais em crianças, apontam, a partir da revisão da literatura, uma diversidade de habilidades sociais infantis: 1) *habilidades de relacionamentos com pares* (cumprimentar, elogiar, oferecer ajuda, convidar os colegas para brincar etc); 2) *habilidades de autocontrole* (controlar humor, negociar, lidar com críticas etc) ; 3) *habilidades acadêmicas* (tirar dúvidas, seguir as orientações do professor, saber trabalhar de forma independente etc); 4) *habilidades de ajustamento* (seguir regras e instruções, usar tempo livre de forma apropriada, atender a pedidos etc); 5) *habilidades assertivas* (iniciar conversação, aceitar convites, responder cumprimentos etc), entre outras.

Mais recentemente, no que diz respeito a habilidades sociais infantis, Del Prette e Del Prette (2006) apontaram as seguintes habilidades como fundamentais para avaliar a competência social da criança: autocontrolar-se, expressar-se emocionalmente, ter civilidade, ter empatia e assertividade, solucionar problemas interpessoais, fazer amigos e ter habilidades sociais acadêmicas.



Dessa forma, cabe ao professor, enquanto agente educativo, ajudar seus alunos a desenvolverem comportamentos habilidosos e, para tanto, o próprio professor precisará apresentar tais comportamentos.

Habilidades Sociais Educativas

Del Prette e Del Prette (2001) descrevem que as Habilidades Sociais Educativas (HSE) são aquelas intencionalmente voltadas para a promoção do desenvolvimento e da aprendizagem do outro, em situação formal ou informal. Os próximos módulos foram elaborados a partir de Bolsoni-Silva e Marturano (2002) e de Bolsoni-Silva (2008) que exemplificam as HSE nas interações pais e filhos, favorecendo a discussão para as interações professor-aluno.

Se você quiser saber mais sobre habilidades, poderá acessar o site:
http://carreiras.empregos.com.br/carreira/administracao/comportamento/030203-assertivo_wellington.shtm

Você poderá ler também:

Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (1999). *Psicologia das Habilidades Sociais: Terapia e educação*. Petrópolis: Vozes.

Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2006). *Psicologia das habilidades sociais na infância*. Petrópolis: Vozes.



Atividade

Agora que você já conheceu um pouco sobre habilidades sociais, vamos observar!!

Retome as avaliações que você fez com três alunos, a pedido da disciplina de “Avaliação diagnóstica”. Liste quais comportamentos habilidosos seus alunos apresentam.

Lembre-se: Essa listagem é muito importante, vai nortear nosso trabalho durante todo o curso!!!

Não se esqueça de postar seu trabalho no Ambiente TelEduc.
Você poderá entrar na sala de bate-papo para discutir esse assunto.

Unidade III: Habilidades Sociais Educativas do professor: Comunicação



Conversar,
Fazer
Perguntas

Nesta unidade você vai conhecer sobre a importância de conversar e fazer perguntas aos seus alunos, bem como de permitir que eles também possam comportar-se assim em sala de aula.

O tema *Comunicação* parece estar relacionado a atividades cotidianas fáceis de realizar; contudo, em muitos momentos, sentimos dificuldades em conversar com nossos alunos. Garantir a existência do diálogo pode ser uma tarefa difícil, que pode também estar relacionada a fatores como: local, momento em que ocorre a conversa, estado de humor e disponibilidade de tempo. Por exemplo, quando vocês estão atarefados ou com alguma dificuldade para resolver, às vezes, é difícil manter a calma com eles.

Para **iniciar** conversações, é importante atentar para o contexto, para a situação em questão. Por exemplo, falar sobre brincadeiras em certas ocasiões, como no recreio; ou conversar sobre as tarefas escolares, especialmente na sala de aula.



Maneiras de **iniciar** conversação:

- Fazer uma pergunta ou comentário sobre a situação que se queira abordar. Ex.: “O que você está fazendo?” - ou um comentário - “Você terminou sua tarefa? Que bom, assim você pode brincar sem se preocupar.”
- Cumprimentar o aluno por algum tipo de comportamento ou pela sua aparência. Ex.: “Nossa, você me ajudou direitinho a apagar a lousa! Que bom!” ou “Que bom que você arrumou sua mesa e seu material!” (sem tom de ironia); ou ainda “Que bom que você já sabe fazer isso sozinho!”

- Fazer uma observação ou pergunta casual sobre o que ele está fazendo. Ex.: “O que você está fazendo?” ou “Você está fazendo a tarefa?”
- Perguntar a seu aluno se você pode ficar junto enquanto ele realiza uma tarefa difícil. Ex.: “Posso ficar sentado(a) aqui, vendo você desenhar?”
- Pedir ajuda, conselho, opinião ou informação. Ex.: “Você pode me ajudar a apagar a lousa?”
- Fazer algo pelo seu aluno. Ex.: “Hoje eu trouxe um brinquedo novo para utilizarmos na aula”
- Compartilhar com seus alunos experiências, sentimentos e opiniões pessoais. Ex.: “Eu sei que você tem dificuldade com a matemática. Quando tinha sua idade, eu era como você, porém, estudando bastante, em pouco tempo, eu não tive mais problemas.”
- Saudar. Ex.: “Oi, você está bem?”

Para que esse diálogo seja efetivo deve-se prestar atenção, não só ao que falamos, mas também em como está nossa postura frente ao aluno no momento da conversa. Por exemplo, é necessário olhar para ele enquanto você estiver falando, mostrar-se interessado, manter-se próximo e inclinado em sua direção e sorrir.

Agora, para manter o diálogo, podem-se abordar os seguintes temas:

- discutir sentimentos, suposições ou impressões;
- compartilhar pensamentos e opiniões sobre certo tema;
- compartilhar informação objetiva sobre um tema;
- compartilhar fantasias, sonhos, metas, desejos;
- compartilhar atividades recentes;
- compartilhar atividades passadas;
- compartilhar acontecimentos engraçados, contar histórias divertidas, rir de si mesmo.

É importante compartilhar esses temas, mantendo uma interação com o aluno para, ao mesmo tempo, ensinar e aprender. Permitir que ele dê sua opinião, para que você tenha mais chance de orientá-lo na forma correta de agir sem brigas ou discussões. Fazer com que ele se torne seu amigo, com o sentimento de que pode contar com sua ajuda se precisar, por exemplo, quando encontrar dificuldades em alguma matéria.



Existem algumas dicas para **manter um diálogo**:

- **Fazer perguntas “abertas” ou “fechadas”** - As perguntas fechadas proporcionam respostas mais específicas. Ex.: “Vocês entenderam esse assunto?”; Perguntas abertas permitem conversas mais longas. Ex.: “Por que você fez o exercício dessa forma? Qual foi seu raciocínio?”;
- **Prosseguir assuntos abordados**.- Ex.: Durante uma conversa, o aluno poderá comentar sobre um *site* da Internet, ou um brinquedo que tenha sido lançado recentemente e você poderá começar a falar sobre aquele assunto, mesmo que vocês não estivessem falando sobre aquilo antes.
- **Expressar sentimentos** - Isso pode ocorrer de maneira verbal, por exemplo, ressaltar características positivas, ou não-verbal como, fazer um afago, dar um abraço, sorrir. O importante é a demonstração mútua de sentimentos. Esse tema será aprofundado, posteriormente, em outros encontros.
- **Escutar de maneira ativa** - Isso ocorre quando uma das pessoas dá a entender, por meio de certas ações como: sorrir, inclinar-se em direção ao falante, verbalizar a compreensão dizendo “ah ah, sim”, que está prestando atenção ao que a outra pessoa está falando.

Dicas gerais:

- Durante um diálogo, haverá momentos em que acontecerão interrupções. Nesses casos, poderão ser introduzidos novos temas que você poderá iniciar dizendo “A propósito de...” ou ainda simplesmente que gostaria de falar sobre outra coisa. O importante é que as duas pessoas estejam interessadas no assunto.
- Quando acontecer alguma conversa agradável com seu aluno, exponha a ele sua satisfação, dizendo, por exemplo: “Foi bom conversar com você.” Isso aumenta as chances desse momento acontecer mais vezes.
- Quando estamos conversando com nossos alunos e precisamos parar para fazer outra coisa, é importante explicar o porquê, dizendo, por

exemplo: “Desculpe, mas eu preciso voltar a explicar o ponto. Mais tarde a gente conversa, tá bom?” Nesse caso, não se esqueça de procurar o aluno depois.



Atividade

Sua tarefa aqui é fazer um ensaio com a aplicação dessas habilidades de comunicação diante das seguintes situações hipotéticas:

Situação 1: A mãe de um aluno o (a) procura na escola para criticar uma nota que você deu ao aluno, o que você faria?

Situação 2: Você está expondo um conteúdo a seus alunos. O que você fará para utilizar o que foi aprendido aqui hoje?

Situação 3: Você colocou os alunos para realizarem uma atividade em grupos, como você utilizaria as habilidades que discutimos hoje?

Não se esqueça de postar no Ambiente TelEduc.

Você poderá entrar na sala de bate-papo para discutir esse assunto.

Unidade IV: Habilidades Sociais Educativas do professor: Expressividade

Neste módulo você vai conhecer a importância de expressar sentimentos e opiniões aos seus alunos.



Sentimentos positivos

Elogios

Opiniões

Vimos, no módulo anterior, a importância de criar um ambiente de confiança agradável, na escola, para que os alunos sintam-se acolhidos e aumente a probabilidade de contato e comunicação entre eles e professores.



Sentimentos positivos

Muitas vezes, é difícil criar um ambiente agradável, pois há momentos de briga e desobediência em que sentimos raiva de nossos alunos. Esse sentimento é natural porque está relacionado às mudanças que ocorrem no ambiente.. Contudo é possível construir situações favoráveis, pela expressão de amor e afeto. Os professores poderão começar essa tarefa dando exemplos de comportamento aos alunos, uma vez que eles aprendem também pela observação dos adultos .

Às vezes, há dificuldade em dizer que sentimos amor ou agrado por alguém. Por exemplo, quando as pessoas nos tratam mal, castigam-nos, diminui a probabilidade da expressão de amor e acaba havendo um distanciamento. É difícil sentir amor ou agrado por alguém de quem não gostamos. Sendo assim, tratando bem os alunos, eles vão sentir-se à vontade para dizer que gostam dos professores porque, realmente, gostam deles.

Para muitas pessoas, o ouvir ou receber expressões positivas sinceras, leva a uma interação muito agradável e significativa e, ao mesmo tempo, fortalece e torna profunda a relação entre elas.

Os professores querem que sua relação com os alunos seja íntima e forte, por isso eles devem expressar os seus sentimentos. Muitas vezes, nós não expressamos esses sentimentos, pois acreditamos que o aluno já sabe que gostamos dele, uma vez que os manifestamos por meio de atos. Porém,

ações e palavras juntas transmitem muito mais. Quando não se expressa verbalmente carinho, corre-se o risco de a outra pessoa sentir-se esquecida ou não apreciada, o que pode prejudicar a relação. Às vezes, não conseguimos nos expressar porque, na nossa educação, o afeto também não nos foi manifestado e, assim, não fomos capazes de aprender. Mas nunca será tarde para começar, se entendermos que vale a pena.

Deve-se ressaltar que, muitas vezes, quando os professores dizem às crianças que gostam delas e estas não respondem ao carinho recebido da maneira com que se esperava, isso acaba frustrando-os e desanimando-os. Porém toda relação pode ser transformada e melhorada. É possível aumentar as chances de que os alunos, aos poucos, expressem, seu carinho, à maneira deles, correspondendo assim às expectativas dos professores.

Elogios

O elogio é entendido como qualquer comentário positivo em direção a e sobre outra pessoa ou alguma coisa feita por ela.



bp0.blogger.com/.../s320/morehead046%5B1%5D.gif

Em nossa sociedade, o elogio costuma ser avaliado positivamente, quando percebido como sincero e pertinente, mas negativamente, quando objetiva a manipulação ou a bajulação. Por isso mesmo, a competência em fazer elogio implica coerência entre o pensar, o sentir e o agir e depende de uma acurada discriminação sobre o quê, a quem, como e quando elogiar.

Reagir a elogios e cumprimentos é uma habilidade aparentemente simples, que envolve apenas aceitar e agradecer. Apesar disso, muitas pessoas, principalmente as tímidas, têm dificuldades em responder a elogios recebidos, devido a vários fatores, entre os quais, baixa auto-estima, ansiedade social e reações fisiológicas (rubor, taquicardia e sudorese).

Quando os professores elogiam os comportamentos das crianças, concomitantemente, trazem ganhos a ambos e essa atitude aumenta as chances de se repetir, futuramente, trazendo novos ganhos.. Além disso, o elogio aumenta a auto-estima do aluno, deixando-o seguro para realizar outros comportamentos adequados e relacionar-se com as pessoas.

É importante também dizer aos alunos por que determinado comportamento foi elogiado, descrevendo o que há de bom, por exemplo, "Parabéns, você fez toda a tarefa com cuidado, atentando para as pontuações" A essa habilidade dá-se o nome de *feedback* positivo.

Opiniões

Vamos parar um pouco para pensar em algumas situações que já vivenciamos e que, naquele momento, não tenhamos conseguido expressar nossa opinião, ou que verbalizamos algo e o nosso interlocutor não tenha compreendido!

Expressar opiniões é uma habilidade muito importante, porque, por meio dela, construímos relações de confiança, honestas e saudáveis, o que seria bom se conseguíssemos com nossos alunos, pois tal relacionamento ajuda a diminuir comportamentos problemáticos e também a melhorar a aprendizagem.



Expressar opiniões envolve tanto concordar quanto discordar das idéias expressas por outras pessoas. Algumas situações são mais desafiadoras para o exercício dessa habilidade, como os contextos de grupo e de relação com pessoas que tenham autoridade.

Nós somos autoridades para os nossos alunos e, como será que estamos agindo em relação a isso? Uma forma de pensar é tentar identificar se nossos alunos expressam suas opiniões e, se a resposta for positiva, o que fazemos?

Podemos discordar de muitas coisas, desde valores e filosofia de vida, até de coisas que são fatos, mas que não temos conhecimento. Em cada caso, a forma da discordância assume características específicas. Quando discordamos de alguns valores, crenças, visão de mundo, se não ficar bem claro do que é que se está falando, o que se está discutindo, podem ocorrer longas polêmicas que não levarão a nada.

Por exemplo, se estamos discutindo com um amigo sobre religião, sendo que cada um tem uma concepção diferente, é provável que cada qual defenda a religião que segue para argumentar, pois não há verdade absoluta.

Por isso não há problemas. Se mudarmos de opinião, não estaremos nos ferindo, pois as verdades são, de fato, relativas e construídas na nossa

história.. Em outras palavras, algumas coisas podem ser verdades para mim e não ser para outras pessoas.

Para expressarmos discordância, é necessário ouvir a opinião do outro, prestar atenção ao conteúdo da fala do interlocutor, identificar quais são os pontos em que pensamos diferente, assim como identificar quais são os pontos em que pensamos de maneira semelhante. Essas dicas aumentam a chance de o outro aceitar nossas opiniões.

Quando achamos que o nosso aluno não deve fazer determinada coisa e mencionamos apenas NÃO, essa resposta não será efetiva para ele, pois não estaremos expressando nossa opinião, mas impondo nossa vontade. Além do NÃO, precisamos argumentar o porquê daquela resposta.

É necessário lidar com as divergências, sem deixar de lado os princípios do direito à liberdade de expressão e do respeito às diferentes opiniões. Não se trata de convencer o outro ou desqualificá-lo, mas de apresentar as idéias sustentando-as, sempre que possível, com fatos, acontecimentos e referências, dando a ele a oportunidade de fazer o mesmo.



Atividade

A sua tarefa é recorrer à lista que você fez na Unidade II dessa disciplina (página 9), sobre comportamentos habilidosos dos seus alunos e, agora, listar o que você faz quando seus alunos agem dessa forma. Aponte, em seguida, como você poderia mudar o comportamento a partir do que estudamos nessa unidade. A tabela abaixo pode auxiliá-lo.

Comportamento habilidoso	O que você faz?	O que poderia melhorar?

Não se esqueça de postar seu texto no Ambiente TelEduc na opção Portifólio individual.

Unidade V: Habilidades Sociais Educativas do professor: Estabelecimento de Limites e Consistência



Para estabelecer limites, você pode agir preventivamente, diante da situação problema. É o que vamos ver neste módulo.

Fazer pedidos
Recusar pedidos
Lidar com críticas
Admitir erros
Pedir desculpas
Estabelecer regras
Ter consistência



Agir preventivamente

Em primeiro lugar, ao fazer o que aprendemos nos módulos 2, 3 e 4, você prevenirá problemas de comportamento e estimulará comportamentos pró-sociais em seus alunos, por ser socialmente habilidoso ao agir, dando modelos e os incentivando a também procederem da mesma forma. No entanto, é possível pensar em outras habilidades sociais educativas, discutidas a seguir.

Fazer pedidos

Você poderá fazer pedidos aos seus alunos, de forma a deixar claro o que espera deles. Ex.: "Pessoal, ao terminarem a tarefa com giz de cera, por favor, guardem tudo na caixa!" **Importante:** não se esqueçam de ELOGIAR e AGRADECER, se seus alunos fizerem o que você pediu.

Pode acontecer deles não entenderem o pedido feito. Neste caso, é preciso REPETI-LO, uma ou mais vezes, de forma clara, para que ele possa entender.

Caso um deles se RECUSE, não devemos apelar fazendo insultos e/ou ameaças, pois, assim, o aluno não estaria atendendo ao pedido de boa vontade e, sim, porque se sentiu obrigado a fazê-lo, o que pode prejudicar a interação entre alunos e professores. É possível negociar nessas situações.

Recomendações para a habilidade de fazer pedidos: a) ser direto; b) não se desculpar e, sim, justificar-se; c) não dar uma resposta negativa de forma pessoal; d) estar preparado para ouvir tanto um “não” como um “sim” e respeitar o direito da outra pessoa dizê-lo.

Recusar pedido

Recusar pedidos significa dizer “não” a nossos alunos, quando é necessário, de forma a não se sentir mal por fazê-lo. Não se deve esquecer de dar justificativas verdadeiras para a recusa. Isso não significa dizer NÃO para tudo o que seus alunos façam, pois eles precisam ser estimulados a se comportarem, fato que ajuda promover o desenvolvimento social e acadêmico.

É importante dizer não para comportamentos que podem colocar em risco a saúde de seus alunos, como brincar com objetos cortantes, por exemplo, e também para aqueles que trazem prejuízos interpessoais, como os comportamentos externalizantes que vimos no módulo 1.

As recusas apropriadas devem ser acompanhadas de razões e nunca de “desculpas”. Ex.: “Não posso conversar com você agora porque é hora da tarefa. No intervalo poderemos conversar.” É uma forma de dizer “não” acompanhada de razões.

Recusar pedidos acompanhados de desculpas seria, por exemplo: “Não posso conversar com você agora porque não é lugar de conversar. Basta estudar!”

Não se deve mentir para a criança, inventando desculpas. Sempre diga a verdade, pois assim ela compreenderá melhor a recusa e não ficará com raiva de você.

Quando o aluno nos faz pedidos abusivos, é preciso ainda mais firmeza ao dizer “não”, pois, caso contrário, ele poderá achar que pode fazer tudo, até o que é abusivo e o professor sentir-se explorado. Isto não é bom para a relação entre professor e aluno, pois nenhum dos dois deverá sentir-se explorado. A interação deve ser igualitária e recíproca.

Lidar com críticas

Outra habilidade não menos importante é a de lidar com críticas (fazer e receber), pois podemos ser criticados por nossos alunos. Ela se fundamenta nos seguintes critérios:

- a) veracidade (*trata-se de um fato ou de percepção sobre um fato?*);
- b) forma (*a crítica foi feita de maneira apropriada?*);
- c) ocasião (*o momento foi o melhor?*);
- d) objetivo (*trata-se de um desabafo ou de uma tentativa de produzir uma mudança?*).

A resposta a uma crítica pode ocorrer com a intenção de aceitá-la, rejeitá-la ou, simplesmente, ignorá-la, mas precisamos, primeiro, ouvir e analisar conforme os critérios acima.



[http://www.tre-rn.gov.br/nova/inicial/links_especiais/assejern/Fotos/campanhas/lar_feliz/images/LAR%20FELIZ%20-%208-4-06%20\(1\).jpg](http://www.tre-rn.gov.br/nova/inicial/links_especiais/assejern/Fotos/campanhas/lar_feliz/images/LAR%20FELIZ%20-%208-4-06%20(1).jpg)

Crítica verdadeira

Se a crítica atende a todos os critérios acima, deve ser aceita como uma tentativa de ajuda por parte da outra pessoa. Em relação à crítica adequada, a melhor maneira de lidar com ela é OUVI-LA, atentamente, refletindo sobre sua utilidade para modificarmos nosso comportamento.

Se ela for verdadeira, mas não for adequada quanto à forma, ocasião ou objetivo, pode-se aceitar seu conteúdo, esclarecendo ao aluno quanto à sua inadequação nos demais aspectos. Também deve ser ouvida atentamente, porém, se possível, solicitando mudança de comportamento em relação aos aspectos inadequados. Ex.: *“Concordo com suas observações, mas peço-lhe que fale baixo.”* (mudança na forma); *“Estou de acordo com suas ponderações sobre meu comportamento, mas podemos conversar sobre isso em particular?”* (mudança na ocasião); *“Você está correto apenas em parte, em seu julgamento, pois não é sempre que eu me comporto desse jeito.”* (mudança no objetivo).

OS PROFESSORES, AO
AGIREM ASSIM COM SEUS
ALUNOS, ESTARÃO SENDO
BONS MODELOS PARA AJUDÁ-
LOS A APRENDEREM
SOLUCIONAR PROBLEMAS.

Crítica não verdadeira

Se ela não for verdadeira, deve ser rejeitada, esclarecendo o interlocutor. As retaliações do tipo “*Mas você também fez isso e aquilo...*” embora muito comuns, na maioria das vezes, não surtem o efeito pretendido e podem até incentivar o interlocutor a mencionar outras coisas desagradáveis, alimentando uma discussão inútil e, às vezes, desrespeitosa de ambos os lados. Ao invés de retaliar, deve-se discordar firmemente do interlocutor e dar exemplos de seus equívocos, esperando que este modifique sua posição. Lidar com críticas falsas também envolve a habilidade de expressar desacordo pelo olhar desaprovador e a expressão facial de desagrado.

Admitir erros e pedir desculpas

Para lembrar, admitir erros e pedir desculpas não é sinal de fraqueza ou de inferioridade. Pelo contrário, é desfazer mal-entendidos, diminuir ressentimentos e superar as dificuldades em um relacionamento ou situação social.

Essa habilidade define-se pelo ato simples de desculpar-se. Ex.: “*Peço-lhe desculpas pelo que fiz*”, ou “*Espero que você me desculpe pelo que eu disse ontem*.” Não necessariamente, inclui uma justificativa do erro..Ex.: “*Fiz isso porque você também havia feito tal coisa*.” Muitas vezes também, não é recomendável a promessa de mudança, como: “*Desculpe-me, nunca mais farei isso!*” Melhor do que prometer com palavras, é demonstrar com atos aquilo que você deseja mudar.

ATENÇÃO: Tudo o que vimos discutindo poderá ser utilizado em todas as situações sociais e não apenas com nossos alunos. Treinar é a alma do negócio

Estabelecer regras

Nós devemos expor regras curtas e claras, isto é, falar com os alunos usando palavras que eles entendam.

Devemos aplicar uma regra de cada vez, com frases curtas.

Devemos cobrar regras que eles sejam capazes de cumprir, dizendo de forma, calma, não autoritária e, elogiando, agradando, agradecendo, cada vez que fizerem o que pedimos, pois assim eles sentir-se-ão recompensados por estarem cumprindo as regras.

**MAS NÃO SE
ESQUEÇAM DE GARANTIR
SEMPRE OS DIREITOS DOS
ALUNOS. NÃO DEVEMOS
UTILIZAR ESSAS INFORMAÇÕES
PARA MANIPULAR**



Porque será que os alunos não seguem regras? Poderemos pensar em algumas alternativas:

a) A linguagem pode ser muito complicada. Precisamos adequar nossa fala, de forma que o aluno seja capaz de entender, afinal, nós não falamos com a criança, o adolescente ou o adulto da mesma forma;

b) Se dermos muitas regras juntas, o aluno, quando muito, lembrar-se-á de apenas uma;

c) Às vezes, não valorizamos quando ele obedece, achando que é sua obrigação. .

Essas são apenas algumas hipóteses, mas é preciso ficar atento a elas.

Ao colocar regras, os professores precisam pedir tarefas que os alunos sejam capazes de cumprir conforme suas idades e habilidades.

Com o tempo, as regras podem ser mais frequentes e em maior número. Se a regra não for cumprida, podemos conversar e verificar o porquê do não cumprimento, repetindo –a quando necessário.

Assim, poderemos começar com uma regra, por exemplo, guardar o material e, então, sempre elogiar quando o aluno a cumprir. Caso ele não obedeça, você poderá conversar, perguntando o que aconteceu, se tem alguma dificuldade.

Às vezes, é importante, inclusive, mostrar como se faz e pedir que o aluno a execute, elogiá-lo e mostrar como ficou bonito depois de pronta. Quando ele já realizar a tarefa como parte da rotina, você poderá estabelecer uma nova regra e proceder da mesma forma novamente.

De preferência essas regras devem ser estabelecidas a partir do diálogo e negociação com o aluno; para tanto, precisamos também ouvir as opiniões deles e ceder quando necessário. E lembrem-se, precisamos ser consistentes quanto a esta regra.

PARA LEMBRAR

Como estabelecer regras

- devem ser curtas, enunciadas positivamente, e fáceis de serem lembradas;
- devem especificar um comportamento e uma consequência;
- ser enunciadas de modo que possam ser facilmente cumpridas;
- certifique-se de que a regra pode ser ensinada a seu filho.

Como usar regras

- estabeleça novas regras, uma de cada vez;
- quando uma regra for desobedecida, peça à criança que verbalize a regra que desobedeceu;
- quando uma regra for desobedecida, faça com que, se possível, o comportamento seja repetido de maneira correta;
- use lembretes para ensinar as regras e depois os retire pouco a pouco;
- ignore protestos sobre as regras quando estiver certo de que elas são justas.

ATENÇÃO!!!

O termo regra é aqui entendido, como vocês puderam notar pelas descrições, como comportamentos do professor que garantam a negociação com seus alunos e o estabelecimento de limites necessários para a condução de atividades e a promoção do desenvolvimento.

Consistência

Temos de ser consistentes em nossas atitudes, isto é, deixar claros quais comportamentos precisam de limites e quais são as regras estabelecidas e, então, sempre agir da mesma forma. Por exemplo, se a regra é guardar o material após o uso, constantemente exigir seu cumprimento, caso contrário, o aluno poderá deixar de segui-la.

Agir diante do comportamento problema

Por melhor que sejam os relacionamentos, certamente nossos alunos vão fazer coisas de que não gostamos. O que fazer nessas horas? É o que vamos ver a seguir.



Feedback negativo e sentimentos negativos

**Feedback negativo
Sentimentos negativos
Solicitar mudança de
comportamento
Fazer críticas**

Assim como o feedback positivo, o negativo é uma descrição verbal ou escrita sobre o desempenho de uma pessoa, porém com alteração no conteúdo da descrição.

Imagine que seu aluno tenha feito algo que o aborreceu muito. A forma de nos expressar poderá ocorrer de vários modos: brigar, gritar ou dizer que não gostamos de algo.

É importante perguntar-se o que é ou não errado no comportamento da criança. É errado todo comportamento que pode prejudicar seu desenvolvimento social ou acadêmico (veja os comportamentos problema no módulo 1). Por exemplo, se nossos alunos expressam uma opinião contrária à nossa, talvez identifiquemos tal comportamento como “errado” e que precise de limite, mas pelo que estudamos até o momento, vamos verificar que expressar opiniões é muito importante para o desenvolvimento saudável.

Solicitar mudança de comportamento

É preciso identificar qual é o comportamento que nos desagradou. Devemos também reconhecer quais os sentimentos negativos que esse comportamento nos causou. Quando esses dois aspectos são identificados (comportamento inadequado e sentimentos negativos), aumentam as chances de que haja menos descontrole emocional e de que consigamos expressar nossos sentimentos por meio de conversas adequadas e não brigando ou gritando.

Para que haja o reconhecimento de uma expressão de sentimentos negativos de forma adequada, é preciso saber, também, quais mudanças gostaríamos que acontecessem no comportamento da outra pessoa e quais seriam as possíveis conseqüências positivas e negativas dessas mudanças.

Depois de considerados os aspectos citados acima, devemos seguir os quatro passos abaixo:

Passo 1. *Descrever* objetivamente o comportamento que nos desagradou, dizendo o que o aluno fez ou disse, o momento e lugar em que isso aconteceu e a frequência com que esse comportamento tem ocorrido. Alguns começos de frases típicos desse passo são: “Quando você...”, “Quando eu...”. Ex.: “Quando você **não copia a lição...**”



Os professores devem dizer que determinados comportamentos dos alunos não lhes agradam, mas precisam tomar cuidado para não dizerem, indiretamente, que não gostam deles.

Ao invés de dizer “**Você é uma criança má...**”, deve-se dizer, por exemplo, “(Nome do aluno), **o que você fez** foi ruim...” e explicar por que, sempre atentando para o que realmente pode prejudicar o aprendizado e/ou a interação da criança, isto é, o desenvolvimento social, acadêmico, físico etc. Você poderá dizer ao seu aluno que não gostou **do que ele fez**, mas precisa procurar não atacar a personalidade da criança e falar de forma tranquila, controlando suas emoções.

Passo 2. *Expressar*, de forma positiva, os sentimentos ou pensamentos que o comportamento inadequado do seu aluno gerou em você. Para isso, podemos começar as frases dizendo, “Me sinto...”, “Penso...”, entre outras.Ex.: “Me sinto mal...”, “Fico triste porque...”, ao invés de “Não gosto...”, “Não me sinto bem...”, etc.

Passo 3. *Especificar*, de forma concreta, o que quer que seu aluno mude em seu comportamento. Peça, a cada vez, um ou dois comportamentos que não sejam muito grandes.

Você deverá considerar se o seu aluno não vai sofrer grandes perdas por fazer o que você quer que ele faça. É importante perguntar se ele está de acordo e especificar, se for necessário, qual comportamento ele está disposto a mudar para chegar a um acordo.

Alguns começos de frases típicos para esse passo são: “Preferiria...”, “Queria...”, “Eu gostaria...”.Ex.:“Eu gostaria que a gente chegasse a um acordo, de forma que tanto eu como você ficássemos bem. Se você quer brincar no pátio, tudo bem, mas **eu gostaria que você, ao terminar a lição viesse me ajudar, ao invés de conversar com seus colegas**”. Fazendo isso estaremos negociando e, negociar implica em ambos cederem em algo.

Passo 4. Dizer as conseqüências positivas que ocorrerão caso seu aluno realmente mude de comportamento. Ex.:“.Dessa forma **nós ficamos**

bem. Eu não vou me aborrecer por você prejudicar a tarefa dos seus colegas e ainda consigo sua ajuda para apagar a lousa, por exemplo, e, por outro lado, você também ficará contente porque estará me ajudando. Logo depois, no intervalo, você poderá conversar e brincar com seus amigos.” No caso de ser necessário (e apenas nesse caso), diga a ele quais conseqüências negativas ocorrerão se ele não mudar.

Exemplo da aplicação de todos os passos:

Passo 1 (Descrever o comportamento que o desagrada): “Quando você **não copia a lição...**”

Passo 2 (Expressar os sentimentos negativos): “**Me sinto mal, fico triste porque agindo assim eu sei que você vai ter dificuldade em aprender ...**”

Passo 3 (Especificar o que você gostaria que mudasse): “**Eu gostaria que a gente chegasse a um acordo, de forma que, tanto eu como você ficássemos bem. Se você está com dificuldades na tarefa, me diga o que você não está entendendo. Eu posso ajudá-lo, mas eu realmente ficarei muito contente se você fizer a tarefa ...**”

Passo 4 (Conseqüências da mudança do comportamento): “**Desta forma nós ficamos bem porque você vai aprender várias coisas e eu ficarei contente porque estarei ajudando-o a aprender**”.

Fazer críticas

Fazer críticas de maneira adequada é uma habilidade bastante difícil de ser exercitada e não se confunde com o desabafo, a ofensa, a retaliação e a acusação. Trata-se de uma habilidade que requer alguns cuidados, tais como:

a) dirigir-se diretamente à pessoa, excluindo aquelas que não estão diretamente envolvidas com a situação;

b) referir-se ao comportamento e não à pessoa em si (*O que você fez – assim, assim – é reprovável...*, ao invés de “*Você é uma pessoa reprovável e má!*”);

c) controlar a emoção excessiva, evitando o tom de desabafo;

d) adequar-se à situação e às condições do receptor (fazer a crítica em particular e com o cuidado de não provocar excessivo desconforto).

Uma estratégia adequada para fazer crítica tem sido denominada de “técnica do sanduíche” que consiste, resumidamente, em iniciar a crítica apontando alguma coisa positiva do comportamento do aluno, em seguida, referir-se a algo negativo e encerrar com nova referência positiva. Ex.: “*Você fez a tarefa hoje, fico contente, mas nessa lição você parece ter tido dificuldade, vou ajudá-lo e da próxima vez você conseguirá fazer tudo!*”, ou “*Este resumo está muito bom, poderia ser um pouco mais curto, mas está muito bom*”. Não queremos com isso parecer bajuladores ou falsos, a idéia é prestar atenção também às coisas boas que os nossos alunos fazem e fazer menção a isso, pois, em geral, somos ótimos em identificar o que está ruim e não prestamos muita atenção aos aspectos positivos.

Essa técnica reduz o excesso de defensividade que se caracteriza pela negação (*Não fui eu!*), projeção (*Você também agiu assim...*), ironia ou agressividade (*Você é um santinho, né?*), apelar para sentimentos de lealdade

(*Não esperava isso de sua parte!*), manifestar autopiedade (*Eu sou assim mesmo; Tenho vergonha de mim*).

Ignorar comportamentos

Alguns comportamentos de menor importância podem ser **IGNORADOS**, como por exemplo, birras. Claro que, às vezes, temos dificuldade em ignorar os comportamentos perturbadores, mas se não for possível ignorá-los então devemos sempre manter a calma e dizer aos alunos, de forma HABILIDOSA, que queremos que eles MUDEM DE COMPORTAMENTO.



Atividade

1. A primeira tarefa é recorrer à lista que você fez na Unidade I dessa disciplina (página 6) sobre comportamentos não habilidosos dos seus alunos, portanto aos indicativos de problemas de comportamento e listar o que você faz quando seus alunos agem daquela forma. Aponte, em seguida, como você poderia mudar comportamentos a partir do que estudamos nessa Unidade. A tabela abaixo pode auxiliá-lo(a).

Comportamento não habilidoso	O que você faz?	O que poderia melhorar?

Lembra-se do instrumento que respondeu na Unidade IV da disciplina “Repensando a avaliação” (*Questionário De Habilidades Sociais Educativas Para Professores – Versão Auto-Aplicada*, nas páginas de 33 a 36)? Agora é hora de preencher novamente e verificar o quanto você e seus alunos já melhoraram suas interações sociais. Não se esqueça de também preencher o Inventário (Unidade IV - *Avaliação de Repertórios que interferem na aprendizagem escolar*, nas páginas de 37 a 39 ao responder ao Inventário de Comportamentos Pró-Sociais).

Não se esqueça de postar suas avaliações no Ambiente TelEduc opção Portifólio individual.

2. Faça uma narrativa de aproximadamente 10 a 15 linhas sobre o que discutimos nessa disciplina. Não se esqueça de postar seu texto no Ambiente TelEduc opção Portifólio individual.

Entre na sala de bate-papo para discutir a tarefa 1, acima mencionada, com seu tutor.

Considerações Finais

As informações contidas neste caderno podem ser utilizadas na interação com os alunos, mas também podem ser aplicadas, com alguma adaptação, a outras interações.

Por vezes torna-se difícil aplicar todos esses conceitos nas interações sociais, mas é persistindo e adaptando-os à sua própria vida que resultados poderão ser atingidos e mantidos ao longo do tempo.

Lembre-se: reveja, sempre que necessário, os temas e não desista, ainda que seja difícil aplicar e você não atinja todos seus objetivos na primeira tentativa.

Espero que tenha gostado do curso!!!

Referências

- Achenbach, T. M., & Edelbrock, C. S. (1979). The child behavior profile: II. Boys aged 12-16 and girls aged 6-11 and 12-16. **Journal of Consulting and Clinical Psychology**, 47 (2), 223-233.
- Bolsoni-Silva, A. T. (2003). **Habilidades Sociais Educativas, variáveis contextuais e problemas de comportamento: comparando pais e mães de pré-escolares**. Tese de Doutorado. Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo.
- Bolsoni-Silva, A. T. (2008). Roteiro de Entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais (RE-HSE-P): Categorias e testagem preliminares. Em L. D. Weber (Org.) **Família e Desenvolvimento - Visões Interdisciplinares** (pp. 145-158). Curitiba : Juruá.
- Bolsoni-Silva, A. T.; & Marturano, E. M. (2002). **Práticas educativas e problemas de comportamento: Uma análise à luz das habilidades sociais**. **Estudos de Psicologia**, 7(2), 227-235.
- Bolsoni-Silva, A. T., Del Prette, A. (2003). Problemas de comportamento: Um panorama da área. **Revista brasileira de terapia comportamental e cognitiva**, 5, 91 - 103.
- Brasil (1994). **Política Nacional de Educação Especial**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto (MEC).
- Caballo, V. E. (1987). **Teoría, evaluación e entrenamiento de las habilidades sociales**. Valência: Promolivros.
- Caballo, V. E. (1997). El papel de las habilidades sociales en el desarrollo de las relaciones interpersonales. Em D. R. Zamignani (Org.), **Sobre comportamiento e cognição** (pp. 229-233). São Paulo: ARBytes Editora, 3º. Vol.
- Caldarella, P., & Merrell, K. W. (1997). **Common dimensions of social skills of children and adolescents: A taxonomy of positive behaviors**. *School Psychology Review*, 26 (2), 264-278.
- Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (1999). **Psicologia das Habilidades Sociais: Terapia e educação**. Petrópolis: Vozes.
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2001a). **Psicologia das relações interpessoais. Vivências para o trabalho em grupo**. Petrópolis: Vozes.
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2006). **Psicologia das habilidades sociais na infância**. Petrópolis: Vozes.
- Goldiamond, I. (2002). Toward a constructional approach to social problems: Ethical and constitutional issues raised by applied behavioral analysis **Behavior and Social Issues II** p.108-197 (originalmente publicado em 1974).
- Kaplan, H. I., Sadock, B. J., & Grebb, J. A. (1997). **Compêndio de psiquiatria: Ciências do comportamento e psiquiatria clínica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 7ª edição.
- Patterson, G., Reid, J., & Dishion, T. (2002). **Antisocial boys. Comportamento anti-social**. Santo André: ESETec Editores Associados.

